

Após a Guerra Turca (1877-1878), fiz uma série de viagens pelo Oriente. A partir da pouco notável península balcânica, atravessei o Cáucaso para a Ásia Central e para a Pérsia, e finalmente, em 1887, visitei a Índia, um país admirável que me atraía desde a infância. O meu objetivo nesta viagem foi estudar e conhecer em casa os povos que habitam a Índia, e os seus costumes, a grandiosa e misteriosa arqueologia e a natureza majestosa e colossal do seu país. Vagueando sem planos definidos, de um sítio para o outro, cheguei ao montanhoso Afeganistão, de onde regressei à Índia pelas pitorescas passagens de Bolan e Guernaï. Depois, subindo o Indo até Rawalpindi, percorri o Punjab – a terra dos rios; visitei o Templo Dourado de Amritsa – o túmulo do rei do Punjab, Randjid Singh, perto de Lahore; e virei para Caxemira, «O Vale da Eterna Bem-Aventura». Daí, dirigi as minhas peregrinações

consoante a minha curiosidade me impelia, até chegar a Ladakh, de onde tencionava regressar à Rússia pela cordilheira de Karakorum e pelo Turquestão chinês.

Um dia, enquanto visitava um convento budista no meu percurso, soube por um mestre lama que existiam nos arquivos de Lassa livros de memórias muito antigos relativos à vida de Jesus Cristo e das nações ocidentais, e que certos grandes mosteiros possuíam cópias antigas e traduções dessas crónicas.

Como era pouco provável que eu viesse a fazer outra viagem a este país, decidi adiar o meu regresso à Europa e, custasse o que custasse, encontrar essas cópias nos grandes conventos ou ir a Lassa – uma viagem que está longe de ser tão perigosa e difícil como geralmente se supõe, envolvendo apenas o tipo de perigos a que já estava habituado e que não me fariam hesitar na tentativa.

Durante a minha estada em Leh, capital da região de Ladakh, visitei o grande convento de Hemis, situado perto da cidade, cujo mestre lama me informou de que a sua biblioteca monástica continha cópias dos manuscritos em questão. Para não despertar as suspeitas das autoridades relativamente ao objetivo da minha visita ao claustro, e para evitar obstáculos que me pudessem ser levantados, enquanto russo, à prossecução da minha viagem pelo Tibete, anunciei ao regressar a Leh que partiria para a Índia, e assim deixei a capital de Ladakh. Uma desafortunada queda, de que resultou a fratura de uma perna, deu-me um pretexto absolutamente inesperado para regressar ao mosteiro, onde recebi cuidados

cirúrgicos. Tirei partido da minha curta estada entre os lamas para ter o consentimento do seu mestre para que me trouxessem da sua biblioteca os manuscritos respeitantes a Jesus Cristo, e, assistido pelo meu intérprete, que traduziu para mim a língua tibetana, transferi cuidadosamente para o meu bloco de notas o que o lama me leu.

Não tendo quaisquer dúvidas sobre a autenticidade desta crónica, editada com grande exatidão pelos historiadores bramânicos e, principalmente, budistas da Índia e do Nepal, quis, após o meu regresso à Europa, publicar uma tradução.

Para isso, dirigi-me a vários eclesiásticos universalmente conhecidos, pedindo-lhes que revissem as minhas notas e que me dissessem o que pensavam.

Monsenhor Platon, o célebre arcebispo de Kiev, achou que a minha descoberta era de grande importância. Todavia, procurou dissuadir-me de publicar as memórias, crendo que a sua publicação só me podia fazer mal.

– Porquê?

A isto, o venerável prelado recusou-se a responder-me mais explicitamente. Ainda assim, uma vez que a nossa conversa ocorreu na Rússia, onde o censor teria vetado um tal trabalho, decidi esperar.

Um ano depois, dei por mim em Roma. Mostrei o manuscrito a um cardeal muito próximo do Santo Padre, que me respondeu literalmente com estas palavras:

– De que servirá imprimir isto? Ninguém lhe atribuirá grande importância e você fará uma série de inimigos. Mas ainda é muito jovem! Se é uma questão de

dinheiro que o preocupa, posso pedir uma recompensa para si pelas suas notas, uma soma que pagará as suas despesas e que o recompensará pela perda do seu tempo.

Obviamente, recusei.

Em Paris, falei do meu projeto ao cardeal Rotelli, que conhecera em Constantinopla. Também ele se opôs a que o meu trabalho fosse impresso, com o pretexto de que seria prematuro.

– A Igreja – acrescentou – já sofre demasiado com a nova corrente de ideias ateias, e você estará apenas a dar um novo alimento aos caluniadores e detratores da doutrina evangélica. Digo-lhe isto no interesse de todas as Igrejas cristãs.

Fui então ver o senhor Jules Simon. Achou o meu tema muito interessante e aconselhou-me a pedir a opinião do senhor [Ernest] Renan acerca da melhor forma de publicar estas memórias. No dia seguinte, estava sentado no gabinete do grande filósofo. No fim da nossa conversa, o senhor Renan propôs que lhe confiasse as memórias em causa, para que pudesse fazer à Academia um relatório da descoberta.

Esta proposta, como facilmente se entende, foi muito tentadora e lisonjeira para o meu *amour propre* [amor-próprio]. Contudo, levei comigo o manuscrito, sob o pretexto de o voltar a rever. Previ que, se aceitasse a combinação proposta, teria apenas a honra de ter descoberto as crónicas, enquanto o ilustre autor de *A Vida de Jesus* teria a glória da publicação e do seu comentário. Julgava-me suficientemente preparado para publicar a

tradução das crónicas, acompanhando-as das minhas notas, e, portanto, não aceitei a muito graciosa oferta que ele me fez. Mas, para não ferir a suscetibilidade do grande mestre, por quem sentia um profundo respeito, decidi adiar a publicação até depois da sua morte, uma fatalidade que não podia estar longe, a julgar pela evidente fraqueza geral do senhor Renan. Pouco depois da morte do senhor Renan, escrevi de novo ao senhor Jules Simon a pedir os seus conselhos. Respondeu-me que me competia a mim avaliar a oportunidade de tornar as memórias públicas.

Pus então as minhas notas em ordem e publico-as agora, reservando-me o direito de consubstanciar a autenticidade destas crónicas. Nos meus comentários, apresento os argumentos que nos devem convencer da sinceridade e boa-fé dos compiladores budistas. Desejo acrescentar que, antes de criticarem a minha comunicação, as sociedades de *savants*¹ podem, sem grandes custos, equipar uma expedição científica tendo por missão o estudo desses manuscritos no local onde eu os descobri, podendo assim facilmente verificar o seu valor histórico.

Nicolas Notovitch

¹ Arcaísmo francês de *savants*, «sábios». (N. do R.)



UMA VIAGEM AO TIBETE



Durante a minha estada na Índia, tive muitas vezes a oportunidade de conversar com budistas, e os relatos que me fizeram do Tibete excitaram-me de tal modo a curiosidade que decidi fazer uma viagem a esse país ainda quase desconhecido. Para esse fim, parti por uma rota atravessando Caxemira, que há muito pretendia visitar.

No dia 14 de outubro de 1887, entrei num vagão repleto de soldados e fui de Lahore até Rawalpindi, onde cheguei no dia seguinte, perto do meio-dia. Após descansar um pouco e inspecionar a cidade, a que a guarnição permanente dá o aspeto de um acampamento militar, abasteci-me do essencial para uma viagem em que os cavalos tomam o lugar dos vagões. Auxiliado pelo meu servo, um homem negro de Pondichéry, guardei toda a minha bagagem, aluguei uma tonga (veículo de duas rodas puxado por dois cavalos), instalei-me no banco de trás e saí para a estrada pitoresca que conduzia a

Caxemira, uma excelente estrada, pela qual viajámos rapidamente. Tivemos de usar bastante habilidade para abrir caminho entre as fileiras de uma caravana militar – com a bagagem carregada por camelos – que fazia parte de um destacamento que regressava à cidade vindo de uma zona rural. Cedo chegámos ao fim do vale do Punjab e, subindo um caminho de infinitas curvas, entrámos nas passagens dos Himalaias. A subida foi-se tornando cada vez mais íngreme. Atrás de nós, estendia-se, como um belo panorama, a região que tínhamos acabado de atravessar, que parecia afundar-se, cada vez mais longe de nós. No momento em que os últimos vislumbres de sol pousavam sobre os topos das montanhas, a nossa tonga saiu alegremente dos ziguezagues que o olhar ainda podia percorrer pela encosta florestada abaixo e parou na pequena cidade de Murree, onde as famílias dos funcionários ingleses vinham em busca de sombra e de repouso.

Normalmente pode ir-se de tonga de Murree a Srinagar; mas, com a aproximação do inverno, altura em que todos os europeus abandonam Caxemira, o serviço de tongas é suspenso. Realizei a minha viagem precisamente na altura em que a vida de verão começa a esmorecer, e os ingleses que encontrei pelo caminho, de regresso à Índia, ficaram muito espantados por ver-me e esforçaram-se em vão por adivinhar o propósito da minha viagem a Caxemira.

Abandonando a tonga, aluguei cavalos de sela – não sem consideráveis dificuldades –, e a noite chegara quando começámos a descer de Murree, que fica a 1500

metros de altitude. Esta fase da nossa viagem não teve nada de divertido. A estrada fora rasgada em grandes sulcos pelas chuvas tardias, a escuridão caiu sobre nós e os nossos cavalos adivinhavam mais do que viam o caminho. Quando a noite se instalou por completo, uma chuva tempestuosa surpreendeu-nos em campo aberto e, devido à densa folhagem dos carvalhos centenários que se erguiam nas beiras da nossa estrada, fomos mergulhados numa profunda escuridão. Para não nos perdermos um do outro, tínhamos de periodicamente trocar chamamentos. Nesta escuridão impenetrável, adivinhávamos enormes massas de rocha quase sobre as nossas cabeças e tínhamos consciência, à nossa esquerda, de uma torrente atrojadora, cuja água formava uma cascata que não podíamos ver. Caminhámos pela lama durante duas horas e a chuva fria tinha-me gelado até à medula quando avistámos à distância um pequeno fogo, cuja visão nos reavivou as energias. Mas as luzes nas montanhas são enganadoras! Julgamos ver um fogo a arder muito perto de nós e, de repente, este desaparece, para voltar a surgir à esquerda, à direita, mais acima, mais abaixo, como se tivesse prazer em pregar partidas ao viajante atormentado. Em todo esse tempo, a estrada faz mil curvas e serpenteia aqui e ali, e o fogo – que não se move – parece estar em constante movimento, e a obscuridade impede-nos de perceber que muda de direção a cada momento.

Abandonara praticamente toda a esperança de me aproximar deste muito desejado fogo quando ele voltou

a aparecer, e desta vez tão perto que os nossos cavalos pararam diante dele.

Tenho de exprimir aqui o meu sincero agradecimento aos ingleses pela providência que demonstraram ao construir à beira das estradas pequenos bangalós – casas de um andar para abrigar viajantes. É verdade, não se deve exigir conforto neste tipo de hotel; mas esta é uma situação em que o viajante, quebrado pela fadiga, não é exigente e atinge o auge da felicidade quando encontra à sua disposição um quarto limpo e seco.

Os hindus não esperavam certamente ver chegar um viajante a uma hora tão tardia da noite e nesta época, pois tinham levado as chaves do bangaló, pelo que tivemos de forçar a entrada. Atirei-me para cima de uma cama preparada para mim, composta por uma almofada e um cobertor saturado de água, e adormeci quase de imediato. Ao romper do dia, após termos tomado chá e algumas conservas, retomámos a marcha, agora banhados pelos raios ardentes do Sol. De vez em quando, passávamos por aldeias; a primeira, numa soberba passagem estreita; depois, ao longo da estrada serpenteante no seio da montanha. Acabámos por descer para o rio Djeloum (Jhelum), cujas águas fluem graciosamente por entre as rochas que obstruem o seu curso, entre paredes rochosas cujos topos quase parecem em muitos locais alcançar os céus azuis dos Himalaias, um céu que aqui se mostra notavelmente puro e sereno.

Perto do meio-dia, chegámos ao vilarejo chamado Tongue – situado na margem do rio –, que apresenta

um conjunto único de cabanas que dão o efeito de caixas, cujas aberturas formam uma fachada. Aqui são vendidos comestíveis e mercadorias de todos os tipos. O local está repleto de hindus, que exibem na testa as marcas de diferentes cores das suas respectivas castas. Aqui se vê também o belo povo de Caxemira, vestido com as suas longas camisas brancas e turbantes cor da neve. Aluguei a bom preço um cabriolé hindu a um natural de Caxemira. Este veículo é construído de modo que, para nos mantermos sentados, é preciso cruzar as pernas à maneira turca. O assento é tão pequeno que leva, no máximo, duas pessoas. A ausência de qualquer apoio para as costas torna este meio de transporte muito perigoso; ainda assim, aceitei esta espécie de mesa circular montada em duas rodas e puxada por um cavalo, pois estava ansioso por chegar o mais cedo possível ao fim da minha jornada. Mal tinha percorrido quinhentos metros, porém, comecei a lamentar seriamente o cavalo que abandonara, tal foi a fadiga que tive de suportar para manter as pernas cruzadas e o equilíbrio. Infelizmente, já era demasiado tarde.

Caía a noite quando me aproximei da aldeia de Hori. Exausto, esgotado pelas incessantes sacudidelas, com as pernas como se tivessem sido invadidas por milhões de formigas, fora completamente incapaz de desfrutar da paisagem pitoresca que se estendia diante de nós enquanto viajávamos ao longo do Djeloum, cujas margens são ladeadas, numa das orlas, por rochas íngremes

e, do outro, pelas encostas fortemente arborizadas das montanhas. Em Hori, encontrei uma caravana de peregrinos que regressavam de Meca.

Pensando que eu era um médico e ficando a saber da minha pressa em chegar a Ladakh, convidaram-me a juntar-me a eles, o que prometi que faria em Srinagar.

Passei uma má noite, sentado na minha cama, com uma tocha acesa na mão, sem fechar os olhos, temendo constantemente as picadas e mordidelas dos escorpiões e centopeias que infestam os bangalós. Por vezes, envergonhava-me do medo que esses vermes me inspiravam; todavia, não conseguia adormecer entre eles. Onde fica realmente no Homem a linha que separa a coragem da cobardia? Não me vangloriarei da minha bravura, mas não sou um cobarde; porém, o medo insuportável que aquelas criaturinhas malévolas me provocavam afastou o sono das minhas pálpebras, apesar do extremo cansaço que sentia.

Os nossos cavalos levaram-nos a um vale plano, rodeado de altas montanhas. Banhado por raios de sol, não demorei a adormecer na sela. Uma súbita sensação de frescura trespassou-me e acordou-me. Vi que já tínhamos começado a subir um caminho de montanha no meio de uma densa floresta, em cujas brechas se abriam ocasionalmente ao nosso olhar admirador vistas arrebatadoras, torrentes impetuosas, montanhas distantes, céus sem nuvens; uma paisagem, lá muito em baixo, de uma beleza maravilhosa. À nossa volta, ouviam-se os cantos de inúmeras aves de plumagens brilhantes. Saímos da floresta perto do meio-dia, descemos a uma pequena

aldeia na margem do rio e, após nos refrescarmos com uma refeição leve e fria, continuámos a viagem. Antes de começarmos, fui a um bazar e tentei comprar um copo de leite quente a um hindu, que estava agachado diante de um grande caldeirão cheio de leite a ferver. Qual não foi a minha surpresa, quando ele me propôs que levasse o caldeirão inteiro, com o seu conteúdo, asseverando-me que eu poluíra o leite que continha!

– Só quero um copo de leite, não uma caldeira – disse-lhe.

– Segundo as nossas leis – respondeu o mercador –, se alguém que não pertence à nossa casta fixou os olhos durante muito tempo num dos nossos utensílios de cozinha, temos de lavar meticulosamente esse artigo e deitar fora a comida que ele contém. Tu poluíste o meu leite e mais ninguém o beberá, porque não só não ficaste contente por fixares nele o teu olhar, como até apontaste para ele com o dedo.

Estivera de facto muito tempo a examinar a mercadoria, para garantir que era mesmo leite, e apontara com o dedo ao mercador o lado de onde queria que o leite fosse vertido. Cheio de respeito pelas leis e costumes dos povos estrangeiros, paguei, sem contestar, uma rupia, o preço de todo o leite, que foi vertido na rua, apesar de eu ter tirado apenas um copo. Esta foi uma lição que me ensinou a, doravante, não fixar os meus olhos na comida dos Hindus.

Não há crença religiosa mais complicada pela quantidade de leis cerimoniais e de comentários que estabelecem as suas práticas do que a bramânica.

Enquanto cada uma das outras principais religiões se inspira apenas num livro, uma Bíblia, um Evangelho ou um Corão – livros dos quais os Hebreus, os Cristãos e os Muçulmanos extraem os seus credos –, os Hindus bramânicos possuem um tão grande número de tomos e comentários escritos que o mais sábio dos Brâmanes mal teve tempo de examinar uma décima parte. Deixando de lado os quatro livros dos *Vedas*, os *Puranas* – que estão escritos em sânscrito e são compostos por 18 volumes –, contendo 400 000 estrofes sobre a lei, os direitos, a teogonia, a medicina, a criação e destruição do mundo, etc., os vastos *Shastras*, que lidam com a matemática, a gramática, etc., os *Upavedas*, *Upanishads*, *Upo-Puranas* – que explicam os *Puranas* –, e uma série de outros comentários em vários volumes, restam ainda 12 vastos livros, contendo as leis de Manu, neto de Brama – livros que tratam não só da lei civil e penal, mas também das leis canónicas –, regras que impõem aos fiéis um tão considerável número de cerimónias que se fica surpreendido e admirado ante a paciência ilimitada demonstrada pelos Hindus na observância dos preceitos inculcados por Santo Manu. Manu foi incontestavelmente um grande legislador e um grande pensador, mas escreveu tanto que lhe acontecia frequentemente contradizer-se no decorrer de uma única página. Os Brâmanes não se dão ao trabalho de reparar nisso e os pobres Hindus, cujo trabalho sustenta a casta bramânica, obedecem servilmente ao seu clero, cujos ditames lhes impõem nunca tocar num homem que não pertença à sua casta

e proíbem também absolutamente que um estranho fixe a atenção nalguma coisa pertencente a um hindu. Cingindo-se à estrita letra da lei, o Hindu imagina que a sua comida é poluída ao receber um pouco da atenção prolongada do estranho.

E, no entanto, o bramanismo foi, mesmo no início do seu segundo nascimento, uma religião puramente monoteísta, reconhecendo apenas um Deus infinito e indivisível. Como veio a suceder em todas as épocas e religiões, o clero tirou partido da posição privilegiada que deixa os seus ministros acima da multidão ignorante, e cedo fabricou múltiplas formas exteriores de culto e certas leis, pensando que, dessa forma, melhor podia influenciar e controlar as massas. As coisas não tardaram a mudar, tanto que o princípio do monoteísmo, de que os *Vedas* apresentaram uma tão clara definição, foi confundido ou como que suplantado por uma absurda e ilimitada série de deuses e deusas, semideuses, génios e demónios, que eram representados por ídolos de infinita variedade, mas todos igualmente horríveis. O povo, em tempos tão glorioso quanto a sua religião foi antes grande e pura, resvala agora gradualmente para a completa idiotia. Dificilmente o seu dia chega para a realização de todas as prescrições dos cânones. Deve dizer-se categoricamente que os Hindus só existem para sustentar a sua casta principal, os Brâmanes, que tomaram nas suas mãos o poder temporal que em tempos pertenceu a soberanos independentes do povo. Enquanto governadores da Índia, os ingleses não interferem nesta

fase da vida pública, e assim os Brâmanes beneficiam ao manter a esperança do povo num futuro melhor.

O Sol passou para lá do cume de uma montanha e a escuridão da noite espalhou-se num instante sobre a magnífica paisagem que estávamos a atravessar. Não tardou que o estreito vale do Djeloum adormecesse. A nossa estrada, serpenteando ao longo de saliências de rochas íngremes, escondeu-se-nos imediatamente da vista; montanhas e árvores confundiam-se numa massa escura e as estrelas reluziam na abóbada celeste. Tivemos de desmontar e tatear pelo caminho, ao longo do flanco da montanha, temendo tornar-nos presas do abismo que se abria aos nossos pés. A uma hora tardia da noite, atravessámos uma ponte e subimos uma elevação íngreme que conduzia ao bangaló Ouri, que, a esta altura, parece gozar de total isolamento. No dia seguinte, atravessámos uma região encantadora, seguindo sempre ao longo do rio, e, numa das suas curvas, vimos as ruínas de uma fortaleza sique que parecia lembrar tristemente o seu passado glorioso. Num pequeno vale aninhado entre as montanhas, encontramos um bangaló que nos pareceu dar as boas-vindas. Ali perto, estava acampado um regimento de cavalaria do marajá de Caxemira.

Quando os oficiais descobriram que eu era russo, convidaram-me a partilhar do seu repasto. Tive então o prazer de conhecer o coronel Brown, que foi o primeiro a compilar um dicionário da língua pachto (afegão).

Uma vez que estava ansioso por chegar o mais cedo possível à cidade de Srinagar, rapidamente prossegui a minha viagem pela região pitoresca que jazia aos pés das montanhas, após ter seguido durante muito tempo o curso do rio. Aqui, diante dos nossos olhos, cansados da desolação monótona das paisagens anteriores, desdobrava-se uma vista encantadora de um vale bem povoado, com muitas casas de dois andares rodeadas de jardins e de campos cultivados. Um pouco mais adiante, começa o célebre vale de Caxemira, situado atrás de uma cordilheira de rochas altas que atravessei ao anoitecer. Que soberbo panorama se revelou ante os meus olhos quando dei por mim no último rochedo que separa o vale de Caxemira do território montanhoso que atravessara. Um quadro arrebatador encantou-me verdadeiramente a vista. Este vale, cujos limites se perdem no horizonte e é completamente povoado, está guardado entre as altas montanhas dos Himalaias. Ao nascer e ao pôr do Sol, a região das neves eternas parece um anel de prata que, como um cinto, rodeia este planalto rico e encantador, sulcado por vários rios e atravessado por excelentes estradas, jardins, colinas e um lago, cujas ilhas estão ocupadas por construções de estilo pretensioso. Tudo isto faz com que o viajante se sinta como se tivesse entrado num outro mundo. Parece-lhe que bastaria ir um pouco mais longe para encontrar o Paraíso de que a sua precetora tantas vezes lhe falara na sua infância.

O véu da noite cobriu lentamente o vale, fundindo montanhas, jardins e lago numa única amplitude negra,

trespassada aqui e ali por fogueiras distantes, semelhantes a estrelas. Desci ao vale, seguindo em direção ao Djeloum, que abriu o seu caminho por um estreito desfiladeiro nas montanhas para se unir às águas do Indo. Segundo a lenda, o vale foi em tempos um mar interior; abriu-se uma passagem entre os rochedos circundantes e escoou as águas, deixando apenas do seu antigo carácter o lago, o Djeloum e cursos de água menores. As margens do rio estão agora ladeadas por estaleiros, longos e estreitos, nos quais os proprietários, com as suas famílias, habitam o ano inteiro.

A partir daqui, pode chegar-se a Srinagar num dia de viagem a cavalo; com um barco, no entanto, a viagem precisa de dia e meio. Escolhi este último modo de transporte e, tendo seleccionado um barco e negociado com o proprietário o seu aluguer, ocupei o meu lugar à proa, sobre um tapete, abrigado por uma espécie de cobertura. O barco partiu da margem à meia-noite, levando-nos rapidamente em direção a Srinagar. Na popa do barco, um hindu preparou-me o chá. Fui dormir, feliz por saber que a minha viagem ia ser realizada. A quente carícia dos raios de sol a trespassar o meu pequeno telhado acordou-me, e o que vivi encantou-me para lá de qualquer expressão. Margens inteiramente verdes; os contornos distantes dos topos de montanhas cobertos de neve; bonitas aldeias que, de tempos a tempos, se mostravam no sopé das montanhas; o lençol cristalino da água; o ar puro e especialmente agradável, que respirei com alegria; os cantos musicais de uma infinidade de aves; um céu

de extraordinária pureza; atrás de mim, o chape da água agitada pelo remo redondo que era facilmente brandido por uma mulher soberba (com uns olhos maravilhosos e uma tez escurecida pelo sol) que tinha um ar de majestosa indiferença: todas estas coisas juntas pareceram mergulhar-me num êxtase, e esqueci por completo a razão da minha presença no rio. Nesse momento, nem sequer desejava chegar ao fim da viagem – e, todavia, quantas privações me restavam ainda sofrer e perigos encontrar! Sentia-me ali imensamente contente!

O barco deslizava rapidamente e a paisagem continuou a revelar novas belezas diante dos meus olhos, perdendo-se em sempre novas combinações com o horizonte, que se fundia com as montanhas que passávamos para se tornar uno com elas. Surgia então um novo panorama, parecendo expandir-se e fluir dos flancos das montanhas, tornando-se cada vez mais grandioso... O dia estava quase a terminar e eu ainda não estava cansado de contemplar esta natureza magnífica cuja visão reavivava as lembranças da infância e da juventude. Que belos foram esses dias passados!

Quanto mais nos aproximámos de Srinagar, mais numerosas se tornaram as aldeias envoltas pela verdura. Com a aproximação do nosso barco, alguns dos seus habitantes vieram a correr para nos verem; os homens com os seus turbantes, as mulheres com as suas pequenas boinas, todos vestidos com camisas brancas até ao chão, as crianças num estado de nudez que lembrava um dos trajes dos nossos primeiros pais.

Ao entrar na cidade, vi uma variedade de barcos e de casas flutuantes nas quais residiam famílias inteiras. Os topos das distantes montanhas cobertas de neve eram acariciados pelos últimos raios do Sol poente quando deslzámos entre as casas de madeira de Srinagar, que revestem estreitamente ambas as margens do rio. Aqui, a vida parece cessar ao pôr do Sol: os milhares de barcos abertos de muitas cores (*dunga*) e barcos cobertos por palanquins (*bangla*) estavam amarrados ao longo da margem; homens e mulheres reuniam-se à beira do rio, nos trajes primitivos de Adão e Eva, realizando as suas abluções vespertinas sem sentir qualquer embaraço ou excessiva modéstia diante uns dos outros, uma vez que realizavam um ritual religioso cuja importância é para eles maior do que todos os preconceitos humanos.

No dia 20 de outubro, acordei num quarto limpo, do qual tinha uma vista alegre sobre o rio que estava agora inundado pelos raios do sol de Caxemira. Uma vez que não é minha intenção descrever aqui pormenorizadamente as minhas experiências, abstenho-me de enumerar os vales maravilhosos, o paraíso dos lagos, as ilhas encantadoras, aqueles lugares históricos, pagodes misteriosos e aldeias atraentes que parecem perdidas em vastos jardins a cujos lados se erguem os majestosos cumes dos gigantes dos Himalaias, cobertos pelas neves eternas até onde a vista consegue alcançar. Direi apenas dos preparativos que fiz com vista à minha viagem rumo ao Tibete. Passei seis dias em Srinagar, fazendo longas excursões à encantadora periferia da cidade, examinando

as numerosas ruínas que dão testemunho da antiga prosperidade daquela região e estudando os estranhos costumes do país.